

perseguindo na análise das influências que nos determinam e contra as quais devemos lutar-nos, passo a considerar a música, e quero, desde logo, advertir os senhores que esta minha análise nada terá a ver com crítica de música no significado comum desse termo. A palavra "música" é grega e reza originalmente "musiké techné", isto é artes das musas. Significa aproximadamente aquilo que hoje entendemos por "arte". Abora, e isto é importante notar, a arte no nosso significado do termo seja fenómeno moderno e consequência da ciência e tecnologia. Este uso original da palavra "música" prova que a música no sentido atual do termo era tida como a arte "par excellenc", uma espécie de modelo de todas as artes. Sabemos que por exemplo para os pitagóricos, e em consequência disto para Platão, a música era tida, como a matemática, como o método de alcançar a sabedoria, (ou a salvação no significado órfico desse termo). Se formos portanto a perguntar um pitagórico qual a influência mais poderosa a qual estamos sujeitos, é bem provável que a música será a sua resposta. É verdade que nós, atuais, não tendemos a concordar com esta resposta que talvez nem nos ocorreria. A evocação da filosofia de Schopenhauer, no entanto, comprovaria que a visão grega da música não está perdida, e que a abrigamos, talvez inconscientemente, no âmago da nossa mente. No entanto, antes de aprofundarmo-nos, e talvez perdarmo-nos, no abismo de uma filosofia da música, permitam que lhes apresente algumas considerações mais corriqueiras.

A nossa vida tem ritmo. Obedece a certas regras cíclicas impostas pela circunstância na qual nos encontramos. É o ritmo do adormecer e do acordar, do semear e do colher, da juventude e da velhice, do nascimento e da morte. É o ritmo do coração que bate a cadência desse ritmo. Esse ritmo dá estrutura a toda a nossa atividade. No curso da história o ritmo cíclico das nossas vidas era vivenciado como festivo, e festas marcavam o seu compasso. São as rezas matinais que festejam o nascer do sol, e as vespertinas o seu ocaso. Os mistérios de morte festejam o enterro da semente no solo materno, e os mistérios da ressurreição festejam o brotar primaveril das plantas. Com efeito, no curso da história a vida individual e social é marcada por festas cíclicas que sacralizam o ritmo da natureza. São estas festas que, em última análise, dão significado e meta à vida. A vida festiva é uma expectativa, (um suspense, para modernizarmos um pouco). É a espera pelo Natal, e pela Páscoa, e pelo casamento, e pelo batismo do filho. É pelo ritmo festivo da vida que o homem está em contacto periódico com o mistério no qual está mergulhado. Pois a música é a articulação desse ritmo. A música é a articulação mais pura da festividade. Quando estamos expostos a música, o ritmo fundante e regulador da nossa vida nos envolve. É pela música que vislumbramos a estrutura da nossa vida. É por isto que a música revela sempre o aspecto sacral da realidade, e uma aura do sacro acompanha sempre a vivência musical digna deste nome.

Pois o que acabo de dizer deixou de ser verdade na atualidade. O ritmo da nossa vida deixou de ser natural, e deixou de ser festivo. Não é o canto dos pássaros que nos desperta de manhã, mas a motocicleta do padreiro. O ritmo sincopado das alavancas das máquinas, dos pratos dos motores, e das teclas da máquina de escrever marca a nossa vida. Não é pela festa da lua nova que esperamos, mas pelo vencimento da letra. O nosso ritmo é profano e tende a diluir-se. Noite e dia tendem a confundir-se, o casamento tende a ser, no paizem desenvolvido, um acontecimento fortuito, não aceitamos mais a divisão natural das idades e sexos, e

a própria diferença entre vida e morte tende a borrar-se diante do torpor das **NO COPIAS**. Os movimentos mecânicos e a expressão cretinizada e varia que nos é dado observar nos ouvintes de música em buates exemplificam o novo ritmo, e a diluição desse ritmo, ao qual estou aludindo. Há algo de francamente infernal nessa nossa correria frenética alternada por momentos de torpor, nesse nosso compasso de vida que a frase "tempo é dinheiro" articula maravilhosamente. E se digo "infernal", quero dizer que o nosso ritmo ainda conserva o aroma do sacro. A música que articula esse ritmo nos inferninhos continua sendo uma articulação do sacro, embora em clima diferente. É muito difícil descobri-se um elemento festivo nessas cavernas artificiais nas quais músicos e ouvintes se acocoram. São elas, pelo contrário, buracos de refúgio contra o tédio de uma vida sem meta, isto é de uma vida que perdeu o ritmo da festa.

A música é portanto, no curso de toda história, e em todas as culturas, a articulação da festividade da vida, ou, como no nosso caso, a articulação da falta de festividade. É aqui preciso dizer algumas palavras quanto à tradição judeo-cristã da qual participamos. Essa tradição que é, com efeito, um projeto de vida, desloca o sacro da natureza para uma região transcendente. O ritmo da natureza, que marca festivamente as vidas nas demais culturas, é vivenciado como profano na nossa cultura, e com esta profanação da natureza o tempo deixa de circular ciclicamente. Pela transferência do interesse da natureza para o transcendente vive em tempo linear, isto é histórico, a nossa sociedade. Mas este tempo linear como que empresta o ritmo da natureza para ser festivo. As festas da nossa cultura, embora festejem aquilo que transcende a natureza, obedecem ao seu ritmo. A correspondência entre a Inocência e a festa da primavera é um problema teológico e talvez ontológico que não cabe discutir no presente contexto. Mas o resultado dessa profanação da natureza, e do empréstimo do ciclo natural pela religião, é a bifurcação tipicamente ocidental da música em sacra e profana. Mas estes termos são tendenciosos. Também a música profana da Idade média é sacra, no sentido de articular o ritmo sacro da natureza. Não somente a missa gregoriana, mas também a festa na aldeia e os cantos populares são sacralizações, embora as últimas cheirem de heresia. Há uma interrelação complexa entre as duas músicas que a musicologia moderna estuda.

Com o advento da Idade moderna surge um fenômeno cultural que me parece ser pelo menos tão importante como o surgir da ciência e tecnologia. É a música pura. O seu impacto sobre a nossa situação tem sido, até agora, menor que o impacto da ciência, mas para o futuro a música pura me parece ser a mais importante das duas.

Consideremos portanto por um instante o que significa a música pura, a toccata, para falarmos em termos de Renascimento. É ela um fenômeno ausente nas demais culturas, ausente na nossa história, e, com efeito, a música pura é a maior contribuição do Ocidente moderno ao tesouro da humanidade. Muito maior, creio eu, que a ciência e tecnologia.

Quando falei no surgir da ciência discuti a nova atitude assumida pelo homem em face a sua circunstância, atitude esta consequência da perda da fé nas religiões reveladas. O homem se encontrava, doravante, como coisa pensante em meio de algo duvidoso. A ciência é a tentativa de adequar a coisa pensante ao meio duvidoso. Essa adequação tende para a matemática, porque a estrutura da coisa pensante é equivalente à aritmética, isto é: é a estrutura gramatical da língua. A

música pura é a própria articulação dessa estrutura. Na música a coisa pensante não se adequa a algo duvidoso. A música é a expressão de si mesma.

COPIA. Mas algo completamente independente do meio duvidoso no qual o pensamento se encontra. E, neste sentido, abstrai-se do meio. A música pura é, neste sentido, uma arte abstrata. Mas como articulação da coisa pensante é ela a articulação do indubitável. E portanto a articulação daquilo que há de mais concreto. A música pura é, neste sentido, uma arte concreta. Os termos "concreto" e "abstrato" dependem do ponto de vista. Dependem daquilo de qual estou abstraindo, e de qual junto com o qual estou crescendo. A música, por ser a articulação da própria estrutura da coisa pensante, é a vivência mais concreta que temos. Nela a nossa própria voz nos vem de fora. Nela nos reconhecemos. Mas é ao mesmo tempo a vivência mais abstrata que temos. Nela somos libertados da ilusão da representação, de todo figurativismo. A música simplesmente é, e nada representa. Ela é exatamente o que é o nosso pensamento. Simplesmente é, e nada representa. Na música aceitamos de bom grado esse fato, mas se formos a estender ele para o nosso pensamento, aí nos rebelamos. Não queremos admitir que o nosso pensamento simplesmente é, e nada representa. Não queremos admitir a musicalidade do nosso pensamento. São restos de imaginação pagã, são restos de figurativismo, que obstruem a nossa compreensão do nosso pensamento. Tentarei mostrar como estes restos de fé nas coisas duvidosas e tão em via de desaparecimento, e como a ciência está se tornando arte abstrata, (ou concreta), isto é como ela está se musicalizando.

Disse que a estrutura do nosso pensamento é aritmética, e que a matemática, (ou outro sistema lógico-simbólico equivalente), é a maneira como se expressa. E disse também que é a música que articula essa estrutura. Com efeito, música e matemática são o verso e o averso da mesma moeda. Essa descoberta formal, que a nossa geração está fazendo, sem talvez se dar ainda conta daquilo que está descobrindo, é, de certa forma, uma volta para a sabedoria dos pitagóricos. A matemática, e a lógica simbólica, articulam o nosso pensamento pela abstração de significado figurativo desse nosso pensamento. A música faz o mesmo. A matemática é língua pura, e a música é o mesmo. As mesmas regras que ordenam os conceitos no pensamento, (as regras da gramática), e que ordenam os algarismos nas equações, (as regras da lógica), ordenam também as notas na partitura. Mas a música é um método diferente da matemática como análise de língua. Desvenda a beleza do pensamento, enquanto que a matemática e a lógica desvendam o rigor do pensamento. A música liberta o pensamento das impurezas estéticas, a lógica e matemática das impurezas do pensamento confuso. E por isto que na música estamos em contacto com a beleza que somos, e na lógica com o rigor que somos. Mas no fundo, ambos os métodos são paralelos e tem a mesma meta. Nos grandes sistemas matemáticos resplandece a beleza do pensamento, e estes grandes sistemas, como o maxwelliano ou o riemanniano são aceitos por sua beleza. E nas grandes composições musicais resplandece o rigor do pensamento, e estas grandes composições como a bachiana nos arrebatam pela sua estrutura impecável. No fundo, não é possível distinguir-se entre matemática e música, e sentimos, emocionados, que a confluência desses dois métodos de análise lingüística é a meta da nossa cultura.

Em outras palavras: a meta da nossa cultura é a matematização e musicalização da língua. Isto parece ser uma meta profana, e parece até profanar a música como vivência do belo. Mas na realidade a confluência entre matemática e música, a cujos

prizeiros passos estamos assistindo, seria a redescoberta de logos. Carregado
nova **CÓPIA** de seu pleno conteúdo matemático e musical, proporcionaria a logos na
vamente a proximidade com os poderes desfechantes. Teremos, nessa musicalização
da matemática, da lógica e das ciências, e nessa matematização da música e das
mais artes, novamente a compreensão imediata da frase: No começo era o verbo. Vi
veríamos, é verdade, em mundo inteiramente abstrato, se e nesse ponto de referen
cia for o figurativismo. Mas viveremos em plena concreticidade, se o nosso ponto
de referência for aquilo que nos é dado imediatamente, a saber a língua.

A música pura, tal como ela surgiu no Renascimento, é o próprio núcleo de nosso
senso de realidade. Mas é curioso observar como esse núcleo tardou em explodir
para inundar o pensamento. A história da música é como um braço inteiramente in
solado na história do Ocidente. À sua direita se desenvolviam as demais artes
em direção do figurativismo, e à sua esquerda desenvolvia-se a ciência e tecnolo
gia em sua busca de domínio da natureza, portanto também figurativamente. Do
ponto de vista da música não passa a tecnologia de uma arte figurativa, o que a
língua o próprio termo sugere. É apenas na nossa geração que a música começa a in
undar as demais atividades da nossa cultura. As artes plásticas e a literatu
ra começam, conscientemente, a musicalizar-se, seja vista a arte abstrata e con
creta. Aliás, as obras de arte da atualidade, e obras como a de Joyce, podem ser
consideradas perfeitamente como composições musicais com outros meios. Articula
lam a estrutura do pensamento e nada representam. A mesma tendência é verificável
nas ciências, embora isto ainda não seja tão consciente. As ciências passam a em
por símbolos que nada simbolizam, e deixam de fornecer modelos. O mundo da cien
cia passa a ser inimaginável. Com efeito, sistemas como o einsteiniano pode ser
concebido, perfeitamente, como composição musical com outros meios. A ciência
começa a despertar para o fato ser ela uma disciplina puramente linguística, isto
é arte abstrata, e por isto mesmo eminentemente concreta.

Mas este desenvolvimento em direção da musicalização da nossa realidade se choca
com os vestígios do nosso figurativismo. Teimamos em formular perguntas de tipo
o que significa isto? É verdade que diante da música já apreendemos como são ta
lãs essas perguntas. Não perguntamos mais o que significa um quinteto de Schu
bert. Mas alguns entre nós ainda persistem em formular essa pergunta diante de
um quadro de Mondrian, ou diante de uma poesia concreta. E todos nós ainda for
mulamos essa pergunta diante de um sistema científico, diante de uma teoria. Se
o quando tivermos apreendido de deixar de perguntar: o que é um próton? ou o que
é um complexo? teremos alcançado um novo senso de realidade, um senso dado pela
musicalidade. Terá então surgido um novo fundamento de nosso ser, que possibilita
rá novos empenhos criativos. Por enquanto podemos apenas vislumbrar intelectual
mente essa meta, mas podemos vivenciá-la apenas na música e, precariamente, nas
demais artes. Por enquanto ainda somos vítimas de um senso de realidade superada,
como seja a realidade da pedra ou a realidade brasileira. Mas já sentimos a va
cuidade dessa realidade superada, e é por isto que não mais aderimos a ela plena
mente. Estamos entre duas realidades, e daí a nossa sensação de abandono.

Digo, ao procurar definir a música, ser ela a articulação do ritmo festivo da
vida. Agora o desenvolvimento do meu argumento desembocou em definição aparen
temente diferente, e saber música como articulação da estrutura do pensamento. Mas
a definição nova é apenas aparentemente diferente da primeira. No fundo é o rit
mo da nossa vida o ritmo do nosso pensamento, e se temos a sensação de termos per

COPIA

dido e no ritmo apropriado, isto significa no fundo que o nosso pensamento está desafiado. A vivência da música pura é uma das raras ocasiões nas quais nos é dado entrar em vibração afinada com a realidade. Se a mente humana integrada na natureza encontra a expressão dessa sua fusão festiva na forma das canções populares, das canções dos anacrilhos, primaverais, ou de amor que o folclore nos preserva, a mente humana integrada na religiosidade encontra a expressão dessa sua fusão festiva nos cantos pieis, então a nossa mente encontra a expressão da sua aproximação com a realidade na música pura. A música pura é uma das raras festividades que nos restam, e que preservam para nós o saber da integração na realidade. É por isto que uma visita a um concerto é como um banho catártico, no qual superamos as sollicitações insignificativas do corriqueiro e vislumbramos um raio de um novo significado. Nestas ocasiões festivas, cuja oportunidade felizmente aumenta em São Paulo, podemos server o significado do termo tão abusado que é o termo "alienado". Um realismo retrógrado e figurativo, como o era o realismo do século 19 burguês, ou como o é o realismo sovit-disant socialista da atualidade, quer nos fazer crer que uma arte se aliena da realidade, quando se afasta do corriqueiro e do profano. Quer nos fazer crer que a função da arte no tecido da cultura é a de tornar conscientes os problemas profanos, para que tanto melhor os possamos resolver com o nosso empenho. Quer nos fazer crer que uma arte que afasta o nosso interesse desse nível profano é um opiate para o povo, que procura substituir a dura realidade por outra, sonhada, para tanto melhor poder subjugar as vítimas da ordem estabelecida. Mas a vivência da música pura desmente todas essas afirmativas como conversa fiada. É na comunhão festiva com a música que sacamos mentalmente. É nessa comunhão que abançamos, por instantes, a loucura de todos os dias. É nesses instantes fugazes que percebemos a ociosidade maluca das ocupações e preocupações diárias sem significado. É nessa comunhão com a música que nos é dado server, como que por contraste, essa alienação que é aquilo que por aqui chamam de "realidade". Essa correria toda, e este tédio que a acompanha, se desfaz como espuma ante a realidade concreta que a música desvenda. Longe de ser a música pura uma alienação, é ela a própria volta para a sanidade. É alienada apenas, se tomarmos por realidade esse conjunto esvaziado de significado que é representado pelas máquinas e pelos instrumentos. É tanto isto é verdade, que talvez a sensação nítida da loucura, quando a música for desvirtuada para servir a um empenho que lhe é alheio. Como exemplo extremo cite as canções de ginástica matinal que regem os movimentos de centenas de milhões de chineses, a música "pipelín" que regulamenta o ritmo da corrente de produção nas fábricas de automóveis, e o hino "Chairman Mao, oh Chairman Mao" que o Rádio Pequim irradia.

Com esta observação deveria eu iniciar a análise da cena atual da música, tal como ela nos envolve de uma forma e intensidade sem paralelo na história da humanidade. Mas verifique que as dimensões desta palestra assumiram tal grandexa, que devo reservar ao mesmo tema a próxima quinta-feira. Quero portanto encerrar a exposição de hoje com o seguinte resumo: Na origem da nossa tradição, nos mitos que nos fundamentam, é a música concebida como a ordem do mundo. É a harmonia da flauta de Pan, a ordem das cordas da lira de Orfeu, a canção das esferas celestes que governam o mundo. O mundo é encantado. Na origem da filosofia grega essa sabedoria mítica encontra a sua expressão no pitagorismo e no platonismo, no qual a música e a matemática são o método da salvação, porque conduzem o pensamento rumo às ideias eternas. Na tradição bíblica é proibida a imaginação figurativa, mas o